



A desintrusão da Terra Indígena Raposa Serra do Sol por meio das lentes da TV Roraima

Wenya Alecrim¹

Universidade Paulista, UNIP, São Paulo, SP

RESUMO

O presente artigo apresenta a análise de 14 videorreportagens produzidas pela TV Roraima, acerca do processo final de desintrusão da Terra Indígena Raposa Serra do Sol. Durante muitos anos a T.I no Estado de Roraima, foi alvo de disputa entre grupos sociais com interesses distintos. Entretanto foi em abril de 2009, que o Supremo Tribunal Federal confirmou a homologação contínua da T.I, decisão que obrigou a população não indígena, constituída por pequenos colonos e grandes exportadores de arroz, a sair da região. Aos quase 20 mil índios que disputavam o direito sobre a terra, de aproximadamente 1,7 milhão de hectares, coube comemorar. Neste estudo, tendo com ferramenta teórica a Análise do Discurso, visamos compreender em que medida a TV reforçou ou resistiu ao poder hegemônico dos não índios.

PALAVRAS-CHAVE: TV; jornalismo; discurso, índios.

Introdução

Por pelo menos 30 anos o que se viu em Roraima foi uma luta entre índios e brancos. A comunidade indígena local se viu motivada a tentar conseguir de volta a Terra Indígena Raposa Serra do Sol, com direito de posse e usufruto do território, habitada por eles há anos. Por meio de estratégias políticas, os índios foram vitoriosos nesta batalha (segundo eles mesmos consideram) contra grandes produtores de arroz, contrariando o pensamento de muitos na região.

Neste artigo, nossa intenção é refletir sobre a representação midiática dos personagens principais desta estória (índios, não índios e fontes oficiais/políticos). Ainda visamos entender os mecanismos que acabaram colaborando para a desvalorização de um grupo social, a favor de outro(s), política e economicamente mais ativo(s). Para tanto, analisamos 14 videorreportagens exibidas em 2009 pela TV Roraima. Entretanto, dentro dos limites que nos conferem um artigo, utilizaremos como exemplo apenas 05 videorreportagens. Chegamos até este *corpus*, selecionando as reportagens mais representativas neste contexto. Em algumas passagens de nossa análise, no entanto, sentimos necessidade de recorrer às matérias que não foram

¹ Mestre em Comunicação e Cultura Midiática, UNIP, aluna especial do PPGCOM da UNB. Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.



transcritas, a fim de contextualizar melhor o *corpus* e tornar mais claros os conceitos que deram suporte a nossas hipóteses.

Como ferramenta teórica, apoiamo-nos na Análise do Discurso, (AD), especialmente nos conceitos Dominique Maingueneau --discurso, contexto, e do filósofo Mikhail Bakhtin -- enunciado (contexto de produção), enunciador (aquele que produz um discurso), palavra.

Roraima, o ponto mais setentrional do país

O antropólogo Paulo Santilli (2001, p. 93), foi um dos poucos autores a utilizar o termo “desintrusão”, ao se referir à retirada dos não índios que ocupavam a T.I. Em Roraima, a palavra e significado são comuns. Entretanto para alguns acadêmicos longe da região Norte ele é estranho.

Ao longo dos anos, a população indígena da T.I passou a ter representantes próprios, por meio de organizações indígenas. Entre elas destacam-se Conselho Indígena de Roraima (CIR) e Sociedade de Defesa dos Índios Unidos do Norte do Estado de Roraima (Sodirur). Em 1998, o Ministério da Justiça publicou a Portaria nº. 820/98, que declarou como de posse permanente indígena a Terra Indígena Raposa Serra do Sol, com superfície aproximada de 1.678.800 hectares. A partir de então a FUNAI e o Instituto de Colonização de Terras (INCRA) iniciaram o levantamento das benfeitorias realizadas pelos ocupantes da região.

A decisão final, entretanto, se arrastou para 2009. No dia 19 de março o STF confirmou a homologação contínua da Terra Indígena Raposa Serra do Sol (ou seja, deu posse aos índios não só as terras habitadas em caráter permanente, mas também as utilizadas para atividades produtivas, necessárias à sua reprodução física e cultural, segundo usos, costumes e tradições), determinando a retirada imediata dos não indígenas da região. Foram oito votos contra um. Durante os dois dias de decisão, boa parte dos moradores de Boa Vista permaneceu acompanhando a transmissão da votação. Por determinação do STF, todos desintrusados deveriam sair espontaneamente da reserva até 30 de abril de 2009. Na semana do prazo final aconteceram várias manifestações na capital. Arrozeiros e moradores especulavam o que se tornaria o Estado, uma vez que a economia era movimentada pela exportação de arroz. Muitas famílias que trabalhavam nas fazendas de arroz ainda temiam não encontrar emprego na capital.



Ao mesmo tempo, os indígenas, começaram a planejar o que fariam com a terra e traçar projetos de desenvolvimento da região. A discussão entre as duas maiores associações indígenas era norteadas em decidir qual entidade ficaria com o quê dentro da T.I (que conta com lagos, pontos turísticos, vilarejos e dezenas de construções – a maioria feita por arroteiros). Após a desintração cinco grandes produtores de arroz, entre eles o maior, Paulo Quartieiro, foram plantar em pequenas terras arrendadas.

Observa-se que, desde o início das discussões, a respeito de demarcação, criou-se um conflito de interesses, formado por grupos significativos: autoridades políticas estaduais que defendiam a demarcação, desde que feita em ilhas, juntamente com eles, indígenas que apoiavam este encaminhamento. Do outro lado, indígenas da reserva que não defendiam a demarcação em ilhas, que obrigaria a retirada de todos desintrusados. Somam-se a esse cenário, famílias de não índios que centenariamente viviam na T.I, rizicultores, que diferentemente de outros que compraram ou ocuparam as terras de boa-fé, como também não. Por fim, a sociedade roraimense em geral, se viu prejudicada com a retirada dos rizicultores, preocupada com o desemprego.

Neste artigo buscamos observar as nuances do processo final de desintração por meio do telejornalismo. Em geral o texto de um telejornal deve ser objetivo, simples usar frases curtas, ser breve, preferir verbos ativos, evitar chavões, dar preferência a uma linguagem mais firme, porém suave (YORKE, 2006, p.56). A imagem na TV permite em primeiro lugar que o telespectador acompanhe visualmente a cobertura mais de perto. Zancheta (2006, p.101) acredita que “os telejornais são construídos seguindo de perto as regras novelescas, inclusive seus traços melodramáticos”.

A TV Roraima, filiada da Rede Globo, está localizada na capital Boa Vista e foi a primeira a se instalar no Estado, em 1970. Atualmente é a rede que possui maior audiência e credibilidade na região. As instalações físicas da TV ficam na praça principal da cidade. Em 2009 a equipe de jornalismo era comandada pela jornalista Airlene Dantas.

Dominique Maingueneau, em *Análise dos textos de Comunicação* destaca que o discurso é uma situação para além da frase, isto, é o discurso é *orientado, interativo, contextualizado e assumido por um sujeito*.

Ainda para Maingueneau o mesmo enunciado em dois lugares distintos corresponde a dois discursos distintos. Além disso, o discurso contribui para definir seu contexto, podendo modificá-lo no curso da enunciação. O discurso se concretiza por



meio de um sujeito (eu), e indica quem é o responsável pelo que está dizendo (MAINGUENEAU, 2001, p. 52-55).

Ampliamos esta breve reflexão com um pensamento de Bakhtin (2009, p. 96), para quem a “língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto”. Em outras palavras, a língua permanecerá idêntica, o que vai mudar, na verdade, é o contexto e por isso ganhará nova significação. É neste sentido que pretendemos analisar os discursos do veículo de comunicação que compõem o nosso *corpus*, a fim de ampliar as discussões sobre as interferências e significados que a mídia produz em determinada comunidade.

Para Bakhtin (2009, p.96) o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas. Ela não reside na conformidade da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto. Tendo o discurso as características apresentadas acima, para entendê-lo é necessário que o pesquisador rompa as estruturas linguísticas. É preciso dirigir a outros espaços para descortinar o que está entre a língua e a fala, para compreender como se constitui determinado discurso. O lugar histórico social em que os sujeitos enunciadore de determinado discurso se encontram envolve contexto e a situação intervém a título de condições de produção do discurso. É importante ressaltar que os parágrafos acima não tiveram a pretensão de expor detalhadamente os conceitos da AD francesa e sim de indicar os que serão utilizados para análise dos textos da TV Roraima.

Em média as matérias analisadas duraram 01’:30’’ (um minuto e meio) - tempo considerado ideal segundo manuais de telejornalismo. Para efeito de clareza enumeramos as videoreportagens de 01 a 05, de acordo com a ordem cronológica que aconteceram. Além disso, classificamos os vídeos de acordo com a retransmissão. Segundo Paternostro (2006, p.217) a retransmissão nada mais é do que a identificação da matéria. Não é o título, mas é por meio de duas ou três palavras que a videoreportagem fica reconhecida em todos os setores do processo.

Nº	Dia da exibição	Retranca	Tempo dos vídeos
01	27/01	Protesto FUNAI	01:58
02	19/03	Raio X Raposa	02:20
03	17/04	Reunião índios	01:36
04	01/05	Upatakon	02:23
05	27/11	Índios situação	02:09

Dos 14 textos analisados, apenas 03 tiveram representantes da justiça/fontes oficiais como personagens principais. É importante ressaltar ainda que, em nenhum dos vídeos, a classe política do Estado foi ouvida. Os arroteiros tiveram voz em 05 videoreportagens; os índios tiveram destaque em 04 matérias e não índios em apenas 02.

Tudo começa em janeiro

A videoreportagem nº 01 de 01:58, exibida em 27/01 trouxe os índios como personagens principais. A matéria falava da ocupação de centenas de indígenas, ao prédio da FUNAI. Alguns deles estavam sem camisa. O vídeo iniciou mostrando uma sala pequena, cheia de indígenas aplaudindo o líder do grupo que falava ao telefone. Nas paredes estão fixados grandes *banners* da T.I Raposa Serra do Sol. As imagens também mostram cinegrafistas, assessores de comunicação e repórteres de vários veículos de comunicação de Boa Vista. Apesar de no texto o enunciador falar que o coordenador interino do órgão era refém dos índios, a cena que se vê é de um homem, já idoso, sentado com semblante calmo, olhando para os indígenas. A fala dele durante a sonora é contraditória a imagem:



Figura 01 e 02: Videoreportagem nº 01. (TVRR, 27/01/2009).

Sonora do Coord. Interino da FUNAI Petrônio Laranjeira Barbosa:
O sentimento é de ***apreensão***, ninguém sabe o que vai acontecer daqui por diante (TVRR, 27/01/2009, ***negrito e itálico nosso***).

Com relação ao teor do conflito, a TVRR foi cautelosa. Em boa parte da matéria os indígenas parecem calmos e estão calados. Nem todos portam armas e flechas, apenas alguns homens, que em determinados momentos, fazem questão de mostrá-las para a câmera. Mais uma vez durante a sonora de um indígena, o que se ouve é diferente do que se vê. Irritado o líder indígena exige a demarcação em ilhas.



Figura 04 e 05: Videoreportagem nº 1. (TVRR, 27/01/2009).

Sonora do Pres. Sociedade de Defesa dos Indígenas Unidos do Norte de Roraima (Sodiur) Silvio Silva: Nós queremos ilha e vamos decidir em ilha, ilha, não é área contínua não, é em ilha, porque o seu ministro não conhece a realidade destes filhos daqui, lá da Raposa Serra do Sol (TVRR, 27/01/2009, *negrito e itálico nosso*).

Ao analisar imagem e texto, a impressão que temos é a de que ao falar diretamente com o repórter, os entrevistados mudavam seu estado emocional. O refém que se mostrava calmo, disse que o sentimento era de apreensão. O líder, por sua vez, também estava mais tranquilo antes da entrevista. Essas situações podem ser compreendidas por meio dos conceitos formulados por Bakhtin. Este pensador da linguagem afirma que exteriorizando o conteúdo interior (sentimentos) *o conteúdo interior muda de aspecto, pois é obrigado a apropriar-se do material exterior, que dispõe de suas próprias regras, estranhas ao pensamento interior*, (BAKHTIN, 2009, p.115).

Quer dizer, naquele momento quando oscilavam no exterior ora momentos calmos, ora de tensão, a fala dos entrevistados ganhou força e novas modulações. Isso sugere que o que pensavam e estavam sentindo no momento da entrevista podem ter sido manipulado pelo repórter, este, por sua vez, em conjunto com o cinegrafista, é responsável por fazer um recorte da realidade e formular perguntas e enquadramentos (BATISTANE E BACELLAR, 2008, p. 41).

Março: rumo à desintração

Em 19 de março os indígenas que moravam na TIRSS aguardavam a decisão do STF. A videoreportagem nº 02, de 02:20, começa com uma cena interessante do ponto de vista estético. Em primeiro plano temos o tronco de uma árvore. Ao longe, em uma rua de terra, se viam indígenas vestidos com trajes típicos, outros com roupas comuns,

misturados a policiais fardados e possivelmente não índios/colonos. Ainda visualizamos um orelhão, e mais ao fundo, uma serra fechando a paisagem.



Figura 06: Videoreportagem 02. (TVRR, 19/03/2009).

Num primeiro momento compreendemos o teor do conflito e observamos, por meio dos personagens ali identificados, a diversidade de interesses que estavam em jogo no processo de demarcação da reserva. O enunciador da TVRR fez questão de mostrar aspectos da cultura indígena. A videoreportagem mostrou índios descalços e com corpos pintados. Na quadra de esportes alguns confeccionavam objetos artesanais, enquanto outros dançavam. As cenas, que podem ter sido produzidas pelos enunciadores tentaram vender a imagem de um índio como nos livros escolares.

As contradições aparecem ainda de forma mais clara, no decorrer da matéria. Caminhonetes e uma calçada de cimento cercavam o local onde os índios estavam comemorando os resultados preliminares da votação. Na tela da quadra de esportes, estava fixada uma faixa com os seguintes dizeres: “Agradecemos a Deus por ter atendido nosso clamor de justiça”, revelando ali uma comunidade catequisada. Ao mesmo tempo em que havia um esforço do enunciador para mostrar traços da cultura indígena as divergências apareceram a todo o momento. A história nos mostra que, em relação à religiosidade, os índios eram tradicionalmente politeístas, com seus próprios deuses, lendas e rituais. No entanto este “Deus”, grafado na faixa com o “D” maiúsculo nos remete ao Deus Cristão, apresentado nas bíblias católicas e protestantes (evangélicas).



Figura 07: Videoreportagem 02. (TVRR, 19/03/2009).



Outro grupo de índios que apoiavam a permanência de brancos na reserva se apresentou de maneira diferente na matéria. Alguns estavam sentados na porta de uma casa acompanhando pela TV a votação em Brasília. No entanto, nenhum deles estava com o rosto pintado, ou com peças típicas da cultura indígena, mas vestiam roupas características dos brancos. A tuxua que deu entrevista estava com a sobancelha fina, como as brancas.

No restante da matéria a repórter entrevista um grupo de índios contrários a demarcação, suíta (relembra) o caso e ouve plantadores de arroz que alegaram que, apesar de qualquer decisão, continuaria a colher a lavoura.

Sonora do produtor de arroz (sem identificação nominal): “Vamos ter que *continuar* colhendo *independente* da decisão que tiver aí, porque deixar esse arroz aqui, ao relento, sem ninguém colher” (TVRR, 19/03/2009, negrito e itálico nosso).

Aqui grupos distintos asseguram que manteriam suas posições. A TV passa a imagem de um rizicultor pacífico, que estava “apenas” colhendo o que acreditavam ser deles. O verbo “continuar” possui uma carga positiva embutida na palavra. Neste contexto o verbo indica “seguimento”, levar adiante o que se estava fazendo.

A reportagem de 02:20, foi dividida em quatro partes: índios favoráveis à demarcação em ilhas, [0:33 segundos], contrários [0:34 segundos], suíta [0:28 segundos] e arroteiros [0:45 segundos]. Ao fazer uma soma simples entendemos que mesmo os indígenas sendo os personagens principais da matéria do dia 19, não foram eles que tiveram maior exposição e, sim, os arroteiros.

Rezende (2000, p.86) destaca que apesar do tempo em TV ser sempre enxuto, espera-se que em 1:30 o jornalista consiga analisar/reportar um assunto. Ou seja, ao levar em conta o tempo de exposição maior dos arroteiros [0:35 segundos] acreditamos que esse fator favoreceu os rizicultores.

Abril: conflito anunciado

Os indígenas continuaram em cena na TVRR. A reportagem nº 04, do dia 17 de abril, trouxe mais uma vez a posição dos índios. A videoreportagem mostrou uma reunião realizada entre fontes oficiais [FUNAI, Polícia Federal, Tribunal Regional Federal e Ministério Público Federal] e dois grupos indígenas com opiniões contrárias. As primeiras imagens são dos representantes administrativos, ao redor de uma mesa, depois dezenas de indígenas sentados em um auditório. A expressão no rosto deles é séria, alguns de braços cruzados, outros com câmeras fotográficas nas mãos.

A primeira imagem sugere que ali estavam pessoas que tinham o poder de decisão, discutindo o destino dos índios, os brancos por sinal. Todos os personagens vestem roupas formais e gravatas que por si só indicam seriedade e poder. A figura ao lado, entretanto pode indicar que os indígenas estavam como público, assistindo, afastados do papel de agentes de suas posições políticas e até mesmo sem autonomia para discutir o próprio futuro.



Figura 08 e 09: Videoreportagem nº 03 (TVRR, 17/04/2009).

A primeira sonora que apareceu foi a do desembargador Jirair Meguerian:

Sonora desembargador Jirair Meguerian: Essa reunião que eu vou fazer hoje, para que eles constituam essa comissão eles mesmos propuseram para que essa comissão acerte com a FUNAI, a forma de **dividir** com cada comunidade indígena, aqueles bens que vão permanecer na região. (TVRR, 17/04/2009, negrito e itálico nosso).

Na sequência a frase do repórter diz que não era bem isso que os indígenas queriam:

Off do repórter Luciano Abreu: Para as comunidades indígenas a questão não é dividir a terra, mas discutir o assunto e **reunir** todos os índios **num objetivo comum: desenvolver**. (TVRR, 17/04/2009, negrito e itálico nosso).

O efeito de sentido produzido aqui nos permite pensar que o repórter, apoiado pela fala dos indígenas, quis polemizar com o desembargador. Enquanto o segundo falava em “dividir”, o primeiro defendia a ideia de “desenvolver” e de “reunir”. Em outras situações, não só indígenas, como lideranças políticas afirmaram que o judiciário não tinha real noção do que era a TI e, por isso, a homologou em terras contínuas. Nesta videoreportagem a figura do desembargador foi representada como um sujeito alheio aos reais interesses dos grupos envolvidos na TI.

Em outro trecho da reportagem enquanto a fala do presidente da Sodiur é confusa, sem sinais de corte/edição, a do presidente do CIR, um indígena, é mais elaborada, praticamente ensaiada, emoldurada:

Sonora Pres. Sodiur Silvio Silva: Durante esses tempos todos, ao longo desses anos que foi colocado, que foi falado, programado, então hoje se tem um resumo disso aqui hoje, juntamente com o senhor juiz que veio de Brasília né. Com certeza vai ser muito importante essa reunião e vai ser muito aproveitada o que for ser colocado. (TVRR, 17/04/2009).

Sonora Pres. CIR Dionito de Souza: Vai discutir o rumo dos cinco povos da terra Raposa Serra do Sol, como vai ser utilizado essa terra, e para isso estamos ainda prevendo uma nova assembleia geral com todos os povos da Sodiur, e CIR, pra nos vamos conversar o rumo que nós vamos traçar para a Raposa Serra do Sol. (TVRR, 17/04/2009).



Figura 10: Sílvio Silva: pres: Sodiur e figura 11: Dinito de Souza: pres. CIR. Videoreportagem nº 3. (TVRR, 17/04/2009).

O tempo dado aos dois líderes foi praticamente o mesmo, porém o primeiro entrevistado parece mais assustado, se movimenta muito e não fixa o olhar no repórter e nem na câmera. Tem olheiras e o rosto com barba por fazer, está levemente inchado, como se tivesse acabado de se levantar. Na segunda sonora o entrevistado recebe mais luz de fora. A camisa que veste é branca e ajuda a iluminar o rosto. Sem barba e com o cabelo alinhado, a imagem do presidente do CIR ajuda a reforçar sua fala e lhe confere mais credibilidade. Além disso, ele olha diretamente para o repórter. O telespectador que acompanhava a “briga” entre os dois grupos e ainda não tinha uma posição sobre a TI poderia receber estas comparações de maneira implícita e começar a torcer por um dos lados, por exemplo. Rezende (2000, p.39) esclarece que a mensagem visual televisiva é multidimensional quanto à forma.

Maio: emblemático

O mês de maio foi o período ao longo do qual se veiculou o maior número de videoreportagens e de matérias sobre a desintrusão no suporte midiático analisados: TVRR, com 05, só no dia primeiro.

O vídeo nº 05, exibido no dia primeiro deu voz aos colonos e pequenos produtores que deveriam sair da TIRSS. A maior matéria analisada, de 02:23, conta a história de uma família que vivia na reserva há mais de 80 anos. A imagem inicial mostra a copa de uma grande árvore. Sob o mesmo plano, a câmera percorre o tronco e, organizados, como que para tirar uma foto de família, são apresentados os personagens desta história.



Figura 12: Videoreportagem nº 04. (TVRR 01/05/2009).

A câmera percorre a fileira de gente e chega ao personagem principal: Adolfo Esbel, um senhor de cabelos brancos, que já sem dentes fala com dificuldade. O texto do enunciator/repórter completa a imagem e mostra a que veio -- apresentar o descontentamento dos colonos em deixar a TI: “O patriarca da família Adolfo Esbel, não quer deixar a terra onde nasceu”.

Um idoso de chapéu também contesta a decisão de forma mais veemente. Neste momento a imagem está fechada no rosto do senhor que demonstra no semblante a impotência quanto à decisão do STF, porém na fala assume outra postura:

Sonora do idoso: Quando chegarem eu não vou dizer olha, se vocês vieram com o objetivo de nos matar, pode matar...pode matar. Mas daqui ***eu não arredo o pé pra nada***. Se vocês vieram pensando... essa definição por matar pode fazer isso, porque daqui eu não saio não. (TVRR 01/05/2009, negrito e itálico nosso).

No final da reportagem o texto do enunciator, recorre a um recurso conhecido pelos jornalistas como “happy end” (final feliz), para deixar o texto, até então dramático, mais leve. Observe:

Off do repórter Luciano Abreu: No caso do senhor Esbel por ele ser filho de uma índia, pode haver uma solução.///
Sobe som da conversa do desembargador:
Se você trazer dois tuxauas que testemunhem na frente de nós todos, que que...que ele é filho, ..que a fulana de tal prove que é a mãe dela, com a certidão dele, é a mãe dele, que é ***índigena eu deixo ficar***, mas não sei se vai resolver o problema que aí é os índios que vai incomodar vocês. (TVRR 01/05/2009, negrito e itálico nosso).

A matéria que começou com um enredo dramático assume um ar esperançoso. Durante dois meses, entre idas e vindas, o presidente do Tribunal Regional Federal da Primeira Região, desembargador Jirair Meguerian, esteve no Estado auxiliando no processo de desinstituição, como dito anteriormente.

De acordo com Temer (In: VIZEU, 2010, p.115) cabe ao repórter a razão narrativa e *ao entrevistado a emoção do fato, essa última explorada aos extremos, com incentivo às lágrimas ou a explosões de alegria, a comentários sarcásticos ou engraçados, enfim, tudo que possa mexer com o coração do público.* Nesta reportagem, o que observamos foi que cercado de policiais federais, o desembargador conversou com moradores e fixou uma nova data para saída. Neste momento ele tornou-se mais uma vez a figura que poderia resolver os problemas daquele povo, que poderia ajudar a família humilde. No final da fala de Meguerian, aparece a imagem do senhor Esbel de perfil, com uma das mãos na boca, olhando para baixo, como que procurando uma saída para o caso.



Figura 13. Videoreportagem nº 04.(TVRR, 01/05/2009).

A construção do texto induz o espectador a torcer pela família e acreditar que encontrarão uma saída para permanecer na Reserva. Segundo Pinto, a forma condicional dos verbos também é muito usada por jornalistas quando não podem assegurar uma informação ou acusar sem provas. Nos trechos a seguir observamos estes efeitos:

Off do repórter Luciano Abreu: No caso do senhor Esbel por ele ser filho de uma índia, *pode* haver uma solução (...) Pela decisão do Supremo Tribunal Federal todos os não índios *deveriam* ter saído da reserva ontem, dia 30 de abril. (TVRR 01/05/2009, negrito e itálico nosso).

No primeiro trecho o verbo “poder” deixa implícito que a solução pode acontecer ou não. Na construção seguinte, o repórter diz que os índios “deveriam” ter saído da Reserva. Como o repórter não “teria” condições de afirmar se todos saíram ou não, utilizou o condicional. Acreditamos que o contexto em que foram empregados os



dois verbos foi o mesmo. Porém, o sentido produzido por eles é diferente. No primeiro trecho o “pode” está relacionado às ações que envolviam um colono. Já a outra frase é praticamente uma ordenança do STF.

O entrevistado é o sujeito que está dentro do fato, é parte da história (em oposição ao repórter, que apenas relata) e dá a dimensão emocional do acontecimento. (In: VIZEU, 2010, p.115).

Novembro: fome e fartura

Após o prazo final para a retirada dos não índios da Terra Indígena Raposa Serra do Sol constatamos que o volume de reportagens exibidas pela TVRR sobre a desintrusão diminuiu. Observamos primeiramente pelo lapso nas datas das matérias selecionadas pelos próprios editores da TV. Isto é, após o mês de maio (período de tensão quando os veículos tinham esta pauta como a principal do noticiário) a próxima videorreportagem representativa da análise foi exibida apenas em novembro. Além disso, o anúncio do fim da operação soou como se estivesse tudo resolvido, calmo a ponto de os militares serem retirados da reserva. O assunto que era muito quente em determinado momento, agora tomava outro rumo.

Por fim, a última videorreportagem desta análise foi publicada no dia 27/11. A matéria de 02:09 minutos fala da situação de penúria em que viviam os índios da TI após a desintrusão. O texto inicia lembrando uma operação realizada pelo Exército, que destruiu materiais usados em pequenos garimpos. Mais uma vez o desembargador Meguerian recebe um grande espaço dentro da matéria. Somando as duas sonoras, Jirair fala por 01:07 segundos. Além das imagens do representante da justiça, aparecem cenas do material destruído na beira dos rios.

Sonora do desembargador Jirair Meguerian: Alguns como os de Flexal, por exemplo, se dedicavam a como faziam há muitos anos, dentro da sua cultura, à faiscagem e garimpagem de pequena escala, vamos dizer a nível familiar ou coisa parecida, só que é ilegal isso, não pode. Comentaram comigo, sobre as dificuldades que eles estão passando, especialmente dificuldades por falta de recurso, uma vez que com a saída dos não índios, muitos que eram empregados das grandes fazendas, ficaram desempregados. Eles teriam como condição a exploração agrícola até sustentável. (TVRR, 27/11/2009).

Índios de grupos contrários fizeram questão de contestar o discurso de penúria, anunciado por outros indígenas e também pelo desembargador.

Off do repórter Johann Tadzio: O CIR contesta as informações. De acordo com o assessor do Conselho, os indígenas estão sofrendo com uma estiagem comum para a época. Ele comentou ainda que existem



diversos projetos voltados para autossustentabilidade para os moradores da região. (TVRR, 27/11/2009).

Aqui os indígenas se apropriam do discurso de desenvolvimento e o assessor usa a palavra autossustentação.

Sonora do Assessor de projetos do CIR: Com esta estiagem tem comunidade que estão passando dificuldades, mas não é fome, não é miséria, não é isso. As comunidades têm como se alimentar, tem trabalho, tem projeto para se manter sustentando, nós estamos trabalhando, num projeto de *autossustentação*. Agora afirmar que as comunidades estão de penúria, e de penúria, acho lamentável. Nós conhecemos muito bem as comunidades. Temos trabalhado. Nós estaríamos vivendo de penúria se nossa terra não tivesse sido homologada, demarcada e os invasores desintrusados da nossa terra. (TVRR, 27/11/2009).

Por meio das sonoras conseguimos identificar discursos contrários. De um lado as fontes oficiais tentando deixar a desintrusão pacífica. Do outro indígenas reclamando da situação que viviam e por fim representantes indígenas se apropriando do discurso hegemônico dos brancos, tentando também deixar a situação mais tranquila do que realmente parecia ser.

Considerações finais

Por meio desta análise do discurso percebemos que nem tudo está às claras e que as palavras não só escondem, mas também revelam enunciados e contextos diferentes. Compreendemos durante a pesquisa por que, para Bakhtin, a palavra não se desvincula de sua historicidade e contexto; afinal, é por meio da linguagem em uso que ela (a palavra) reposiciona-se. O ser falante é que dá vida ao discurso. Stella (In: Brait, 2010, p.178) pondera que a palavra dita, expressa, anunciada, constitui-se como produto ideológico, ou seja, é resultado de um processo de interação, como mostram as análises que fizemos da TV Roraima. A TVRR apresentou na maioria dos textos a fala dos arroteiros. Das 14 videorreportagens exibidas, 05 foram dedicadas a eles, nas quais foram os personagens principais da enunciação.

As TVs filiadas Globo costumam seguir a linha editorial da matriz. Em geral procuram passar a ideia da imparcialidade e objetividade, tantas vezes criticada por pesquisadores. A TV Roraima, no extremo Norte do país, não fugiu à regra e, nesta tentativa, algumas vezes soou como superficial. O poder hegemônico dos rizicultores foi reforçado pela maior visibilidade que tiveram, contestando os atos da União. Por meio das videorreportagens compreendemos o que Fiorin (2008) quis dizer ao afirmar



que o enunciado não é manifestado apenas verbalmente. O texto, mesmo em TV, não é exclusivamente verbal e sim uma corrente de signos como as imagens, o tom, os gestos e o cenário das matérias, isto é, estes elementos são tão ideológicos quanto as palavras.

Os índios foram tratados como espectadores e, mais uma vez, representados de forma estereotipada, estimulados a mostrar a “verdadeira indianidade”. Por fim, acreditamos que o veículo reforçou a cultura e o poder hegemônico dos brancos. Na verdade, conforme Baccega, no ato de informar, cada um fez sua seleção e recorte, de acordo com os seus próprios interesses, explícitos ou implícitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACCEGA, Maria Aparecida. Discurso da comunicação: encontro entre ficção e realidade. IN: **Revista ECA XII 3**. Comunicação & Educação, set/dez 2009.
- BAKTHIM, Mikhail. **Marxismo e filosofia da Linguagem: problemas fundamentais da linguagem**. Tradução 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BISTANE, Luciana e BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- BRAIT, Beth e CAMPOS, Maria Inês Batista. Da Rússia czarista à web. In: Beth Brait. (Org.). **Bakhtin e o Círculo**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 15-30.
- _____. O texto mostra a língua, costura e descostura discursos. In: **Revista de Filologia e Linguística Portuguesa**, nº. 9. São Paulo, Humanitas, 2007.
- _____. **Bakhtin: Conceitos chaves**. 4ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução do pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.
- MOTA, Márcia (org.) **Dicionário da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: Manual de telejornalismo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
- REPETTO, Maxim. **Movimentos indígenas e conflitos territoriais no estado de Roraima**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2008.
- REZENDE, Guilherme de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.
- VIZEU Alfredo; PORCELLO Flávio, COUTINHO Iluska (orgs). Florianópolis: Insular, 2010. **60 anos do telejornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2010.
- YORKE, Ivor. **Telejornalismo**. Tradução 4ª ed. São Paulo: Roca, 2006.
- _____. **Jornalismo diante das Câmeras**. São Paulo: Summus, 1998. ZANCHETTA, Juvenal. **Imprensa escrita e telejornal**. São Paulo: UNESP, 2006.

TV Roraima

- ABREU, Luciano. **TV Roraima**. 17/04/2009.
- _____. Upatakon. **TV Roraima**. 01/05/2009.
- AURÉLIO, Marco. Protesto FUNAI. **TV Roraima**. 27/01/2009.
- FIGUEREDO, Érika. Raio X Raposa. **TV Roraima**. 19/03/2009.
- TADZIO, JOHANN. Índios situação. **TV Roraima**. 27/11/2009.